



# RITO DE OUTONO

Sergio Buarque de Holanda

A melhor parte do programa projetado e empreendido pelo Clube de Poesia de São Paulo tem sido, provavelmente, revelar, através dos seus *Cadernos*, como a ação renovadora dos novos poetas justificaria amplamente a campanha polêmica e publicitária que frequentemente a tem acompanhado.

Não há negar que aquela ação vem sendo desencadeada, por outro lado, com uma seriedade que talvez faltasse, no mesmo grau, a algumas gerações anteriores. É significativo que, em muitos casos, ela não se abala sequer nos pontos onde a seriedade tende a confundir-se com a suficiência, com o dogmatismo um tanto canhestro, com o brilho erudito e finalmente com a incapacidade de malícia, que podendo ser uma inclita virtude equivale, não raro, à incapacidade fundamental de auto-crítica.

Seus defeitos são aqui, e bem claramente, os defeitos de suas qualidades. Eu não hesitaria, contudo, em situar no mesmo nível o zelo transparente com que alguns parecem, ao mesmo tempo organtizar-se meticulosamente para a glória. Que outro sentido pode ter, por exemplo, a impaciência com que já falam numa suposta "geração de 1945"? Pois existirá fenômeno mais estranho do que este de uma geração ainda em gatinhas, que, para evitar dúvidas futuras, já insiste em exibir a própria certidão de nascimento?

Mas ainda aqui ou preferiria colocar todo esse zelo na conta da gravidade dos propósitos com que todo um grupo de escritores novos, dispersos pelo país inteiro, vai enfrentando suas responsabilidades. Nessa ostentação contínua

das próprias ambições, no empenho mal disfarçado de fazer-se valer, de ganhar notoriedade e mérito ante os contemporâneos e os pósteros, não se encontra o menor traço, sequer, dos que distinguem o vulgar cabotinismo. Encontra-se, isto sim, uma surda confiança no valor das próprias convicções e das próprias vocações.

O perigo de semelhante atitude estaria talvez numa estabilidade forçada, numa espécie de esclerose da poesia, dentro dos formulários em que tendem a aprisioná-la, às vezes inconscientemente, é certo, os mentores e monitores do chamado post-modernismo. Um indicio de que a poesia nova tem, apesar disso, vitalidade bastante para esquivar-se aos roteiros pré-fixados e escolher os próprios caminhos provam-no justamente alguns dos *Cadernos* mencionados ao começo deste artigo.

A coleção constitui um espelho, não das correntes já manifestas e atuantes, mas das direções incipientes da poesia nova. Numa plausível variedade, reúne em sua meia dúzia de fascículos impressos autores de tendências por vezes contrastantes. E não faltam nela sequer os poetas do interior, em particular da cidade paulista de Atibaia (como os srs. Andre Carneiro e Cesar Mémolo), que parece hoje desempenhar papel semelhante ao que teve, durante o movimento de 22, a cidade mineira de Cataguazes.

É uma homenagem aos organizadores da coleção frisar a imparcialidade com que se houveram na escolha dos autores representados, alguns deles traindo tendências que parecem contrastar vivamente com os postulados do "post-modernismo". Para o comentador de livros constitui, ao mesmo tempo, um puro prazer intelectual o poder vislumbrar, através daquela variedade, os caminhos de um inconformismo promissor.

NÃO é aqui meu propósito examinar toda a gama de tendências muitas vezes dispare, que se oferecem nesta coletânea de "novíssimos". Basta-me a borda as que me parecem mais significativas e reveladoras. Retiro-me a duas obras já mencionadas de passagem em comentário anterior, ao *Auto do Possesso* do sr. Haroldo de Campos e a *O Carrossel* do sr. Décio Pignatari, uma e outra publicadas durante o ano passado.

Nada mais diverso, em verdade, do que essas duas obras, que representam, numa comparação grosseira e voluntariamente caricaturesca, as duas vertentes opostas de nossa poesia novíssima. Na do sr. Haroldo de Campos teríamos, por assim dizer, a vertente formal. Uma das suas epígrafes leva-nos a Virgílio, embora a imaginação luxuriante e um tanto preciosa do autor, seu ritmo solene, às vezes majestoso, seu arsenal bíblico, mitológico, oriental, pareçam aproximá-lo antes de certas tendências nascidas do simbolismo francês.

Pensamos quase inevitavelmente naquela observação de João Gaspar Simões, em sua recente biografia de Fernando Pessoa onde, creio que por uma ilusão de ótica, se fala em certo "mallarméismo", latente em nossa poesia. O crítico português pretendia inferir-se, provavelmente, à decidida preferência de alguns dos nossos autores — de um Eduardo Guimarães, por exemplo, ou de Ronald de Carvalho, de *Luz Gloriosa* — por um tipo de simbolismo que não se afirmava através da ruptura audaz com a estética parnasiana.

NO poeta paulista essa espécie de condescendência torna-se, dorém, desnecessária. É bem provável que tenha estudado largamente Mallarmé e mesmo os parnasianos, pois, segundo a frase de Léon Paul Fargue, há de preferir o ourives ao bufarinheiro. E em autor, como ele, tão bem informado das tendências poéticas posteriores ao simbolismo, eu não me admiraria muito se apontassem entre suas preferências a de outros mestres bem menos frequentados pelos inovadores de nossa poesia. A lembrança ines-

perada de um Stefan George, por exemplo, pode ocorrer a quem se detenha nos motivos e até na cadência particular de versos como estes, de "Rito de Outono", que, possivelmente, julgo dos mais inexpressivos do volume:

No mês propício as virgens  
    Ibabilônicas  
Tecem guirlandas em louvor  
    Ide Ishtar,  
Olha seus rostos contornando  
    Lo templo,  
Códex de luz nas lâmpadas  
    Ido altar.

Tua flôr, Senhora, de lilazes e  
    Lalcool,  
A dispersavas pelo boulevard  
Touros alados crescem no ca-  
    lminho:  
Teci guirlandas para o mês de  
    Ishtar!

Há talvez uma impertinência do crítico nêsse afã de estabelecer comparações e traçar influências que teriam propiciado o milagre da poesia, por sua própria natureza individual e única. No caso, porém, da poesia do sr. Haroldo de Campos, o empenho parece menos descabido. Seus versos são prudentemente governados, e se traem por vezes alguma emoção é, segundo uma fórmula memorável, a emoção que relembramos na tranquilidade. O acaso, a "inspiração", que se considera imprópriamente um "mal romântico", e otocentista, quando na realidade já era um "mal" helênico e vinha de Homero, tem escasso lugar nesta obra. Por outro lado seu "hermetismo", como em grande parte dos nossos poetas novos (exceção feita, crelo ou, do sr. Geir Campos, um pouco do sr.

(Conclui na 10.ª página)

## (Conclusão)

José Paulo Moreira da Fonseca, e creio que do sr. Tiago de Melo), parece ser principalmente para recorrer ao símile tirado da velha retórica, hermetismo "de palavra", não "de pensamento". Mas o jogo de vocábulos, a precissão de motivos e imagens, o ritmo, são dominados em todas as minúcias por uma inteligência sempre alerta, que sabe dirigir seus instrumentos e que se apoia deliberadamente numa tradição.

TUDO isso pode corresponder um pouco ao ideal teórico professado por alguns post-modernistas. Na prática, entretanto, encontramos aqui uma densidade, um poder de ordenação e concentração, que não poderiam estar mais distante do formulário neo-rococó em que tenazmente se comprazem tantos daqueles poetas.

Remessa de livros:  
Rua Haddock Lobo, 1.625, S. Paulo.